

**FICÇÃO TELEVISIVA E DESENVOLVIMENTO HUMANO: CONSIDERAÇÕES
SOBRE A TEORIA DO AGENDAMENTO NA RELAÇÃO ENTRE A TELENÓVELA
TRAVESSIA E O PROGRAMA FANTÁSTICO ¹**

**TELEVISION FICTION AND HUMAN DEVELOPMENT: CONSIDERATIONS ON
AGENDA-SETTING THEORY IN THE RELATIONSHIP BETWEEN THE TELENÓVELA
THE PATH AND THE TV SHOW FANTASTIC ²**

João Paulo Hergesel³

RESUMO:

Este trabalho objetivou identificar a relação entre teledramaturgia e jornalismo, focando na relação entre a *Travessia* e *Fantástico*. Constatou-se que a ficção televisiva influenciou a agenda jornalística e promoveu debates sobre diversidade.

Palavras-chave: Teoria do Agendamento. Telenovela. Programas jornalísticos.

ABSTRACT:

This paper aimed to identify the relationship between soap operas and journalism, focusing on the connection between *The Path* and *Fantastic*. It was found that television fiction influenced the journalistic agenda and promoted debates on diversity.

Keywords: Agenda-Setting Theory. Telenovela. Journalistic Programs.

Introdução

Telenovela é um formato televisivo consagrado na cultura audiovisual brasileira. Desde sua inserção na programação nacional na década de 1950, ela se caracteriza por narrativas de ficção seriada exibidas diariamente, com capítulos que se desenrolam ao longo de vários meses. Uma das suas funções sociais mais significativas é a inclusão de temáticas cidadãs emergentes,

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Brasil. Processo n.º 2023/05698-8.

² O conteúdo e as ideias presentes neste artigo são derivados do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro Universitário Sumaré para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo, sob orientação do Prof. Me. Clóvis Furlanetto.

³ Professor da Escola de Linguagem e Comunicação (ELC) e pesquisador do Programa de Desenvolvimento Humano e Integral (PDHI) da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Doutor em Comunicação (UAM), com pós-doutorado em Comunicação e Cultura (Uniso). Membro do grupo de pesquisa SOLARIS – Solidariedade, Ações Responsáveis e Inovação Social (CNPq/PUC-Campinas).

representando sujeitos, causas e situações que refletem a esfera histórica e sociocultural do país, estabelecendo forte conexão com o conteúdo jornalístico.

Temas abordados nas telenovelas contemporâneas frequentemente se tornam pauta para jornais, revistas, portais de notícias e programas de televisão. Um exemplo é a telenovela *Travessia*, escrita por Glória Perez e exibida pela TV Globo entre 2022 e 2023, que abordou questões como *deepfake*, relacionamentos tóxicos, dependência digital e pedofilia, entre outros assuntos relevantes para a sociedade brasileira. Dentre essas temáticas, a representação da assexualidade foi uma que se destacou.

A assexualidade é compreendida como a falta ou a redução do interesse sexual por outras pessoas, um aspecto que foi retratado pelos personagens Rudá, um adolescente pressionado pela família a encontrar uma namorada, e Caíque, que enfrenta dificuldades em manter relacionamentos afetivos devido à incompreensão de suas parceiras em relação à sua sexualidade. A transmissão em TV aberta pela Globo, junto à disponibilização posterior na plataforma de streaming Globoplay, fez com que os arcos narrativos desses personagens gerassem amplos comentários em conversas cotidianas, nas redes sociais e na imprensa.

Diante da relação evidente entre a telenovela *Travessia* e o programa de revista eletrônica *Fantástico*, ambos da TV Globo, esta pesquisa propõe-se a compreender como a teledramaturgia influencia a agenda da imprensa. Focaliza-se, particularmente, a temática da assexualidade, explorando os diálogos entre a construção narrativa e seus reflexos na reportagem jornalística, fundamentando-se na Teoria do Agendamento.

Para exemplificar a repercussão na imprensa, constatou-se que, durante a exibição das cenas envolvendo os personagens, matérias sobre a temática foram publicadas em portais renomados como UOL e Terra, em jornais como Metrôpoles e O Tempo, além de revistas como Glamour e Veja, culminando em uma reportagem no programa dominical *Fantástico*. Esse caso ilustra como produções de entretenimento têm o potencial de moldar as discussões em diversos veículos de comunicação.

Assim, ao reconhecer a influência da mídia na definição da agenda pública, é fundamental realizar uma análise crítica da cobertura jornalística, questionando os interesses que podem estar por trás da seleção e do destaque de determinados temas. Este trabalho, portanto, surge do seguinte problema: de que maneira as produções televisivas de conteúdo ficcional propõem assuntos a serem apresentados e discutidos em programas jornalísticos? Mais especificamente, como a

telenovela *Travessia*, ao abordar a assexualidade como uma temática cidadã emergente, contribuiu para pautar uma reportagem exibida pelo *Fantástico*?

O objetivo geral é investigar as relações entre teledramaturgia e telejornalismo, a partir das interconexões entre a telenovela *Travessia* e o programa jornalístico *Fantástico*. Os objetivos específicos incluem: discutir a relevância da telenovela para a sociedade brasileira, com foco nas questões de diversidade sexual; compreender as demandas de pauta em programas jornalísticos, com ênfase na produção do *Fantástico*; e investigar a manifestação da *agenda-setting* na televisão contemporânea, concentrando-se na relação entre teledramaturgia e telejornalismo.

Metodologicamente, a pesquisa propõe uma revisão teórica sobre a Teoria do Agendamento e uma análise bibliográfica sobre a relevância da telenovela na sociedade, assim como sobre a construção de pautas em programas jornalísticos. Em seguida, realiza-se uma leitura crítica e contextualizada, confrontando os objetos de estudo com os aportes teóricos previamente delineados.

Fundamentos e contextos da *agenda-setting*

A Teoria da Agenda-Setting, formulada por McCombs e Shaw na década de 1970, sugere que a mídia desempenha um papel crucial na definição dos temas que a sociedade considera importantes. Hohlfeldt (1997) discute essa teoria, que ele prefere chamar de “hipótese”, argumentando que: “[...] uma teoria é um paradigma fechado, um modo ‘acabado’ e, neste sentido, infenso a complementações. Uma ‘hipótese’, ao contrário, é um sistema aberto, sempre inacabado, infenso ao conceito de ‘erro’ característico de uma teoria” (Hohlfeldt, 1997, p. 43, sintetizado).

O surgimento da teoria está intimamente ligado ao contexto histórico da década de 1970, marcado por profundas transformações sociais e tecnológicas, como a ascensão da televisão como principal meio de comunicação de massa. Barros Filho (2003) observa que a ideia de *agenda-setting* já era explorada em estudos anteriores. Walter Lippmann, em 1922, destacou a influência da mídia na construção da realidade social; Robert E. Park, em 1925, enfatizou o poder da mídia em definir a agenda pública. Norton Long, em 1958, enunciou a hipótese do agendamento temático, afirmando que a mídia determina o que as pessoas discutirão. Bernard Cohen, em 1963, afirmou que, embora a mídia não dite o que pensar, influencia o que se deve pensar, enquanto Gladys Lang e Kurt Lang, em 1966, denunciaram a hierarquização temática da mídia.

Foi em 1972 que McCombs e Shaw publicaram *The Agenda Setting: Function of Mass Media*, formalizando a teoria. Um estudo em Chapel Hill, em 1968, investigou a relação entre a agenda da mídia e a agenda pública, mas não conseguiu estabelecer um nexos causal definitivo (Barros Filho, 2003). Outro estudo, realizado em Charlotte em 1972, buscou acompanhar a evolução da agenda midiática e pública durante a campanha eleitoral. Apesar de o nexos causal ter sido demonstrado, os resultados não foram totalmente satisfatórios, evidenciando falhas na cobertura midiática (Barros Filho, 2003).

O estudo de McCombs e Shaw (1972) foi conduzido em Chapel Hill, onde foram entrevistados 100 eleitores indecisos sobre os temas que consideravam mais relevantes na campanha. Simultaneamente, analisou-se o conteúdo dos principais meios de comunicação consumidos por esses eleitores. O estudo revelou que uma parte significativa do conteúdo midiático não se concentrava nas questões políticas, mas na dinâmica da campanha. No entanto, encontrou-se uma forte correlação entre o destaque dado pela mídia a certos temas e a percepção dos eleitores sobre os assuntos relevantes da campanha.

Embora a pesquisa fornecesse evidências da hipótese de agenda-setting, levantou-se a crítica de que a correlação não estabelecia uma causalidade definitiva, e a pesquisa foi realizada em uma única comunidade, limitando a generalização dos resultados. Pesquisas subsequentes surgiram para refinar e expandir as hipóteses de McCombs e Shaw, explorando fatores que influenciam a efetividade da *agenda-setting* e o agendamento em diferentes plataformas, como televisão, rádio, internet e redes sociais (Barros Filho, 2003).

Hohlfeldt (1997) argumenta que a influência da mídia ocorre de forma gradual e a longo prazo, moldando a agenda pública e direcionando a atenção para determinados temas. A cobertura persistente sobre um tema específico pode levar à sua internalização na agenda pública, mesmo que essa influência não seja percebida de forma consciente: “Na maioria dos casos, guardamos de maneira imperceptível em nossa memória uma série de informações” (Hohlfeldt, 1997, p. 44). O autor também destaca que a mídia não impõe ideias, mas influencia a seleção de temas considerados importantes, contribuindo para que esses temas ganhem visibilidade.

Estudos mais recentes da teoria da *agenda-setting* exploram a convergência de abordagens, mudando o foco de “o que se fala” para “como se fala”. A nova geração de pesquisas busca verificar se a representação que a mídia faz de um candidato condiz com a visão do público. Nesse novo cenário, a hipótese original de McCombs compete com a teoria da “espiral do silêncio”, que sugere que a mídia molda a opinião pública de maneira sutil (Barros Filho, 2003,

p. 206). Em suma, a pesquisa em agenda-setting avança, explorando a influência da mídia na formação da opinião pública e abrindo espaço para debates mais complexos sobre o papel da comunicação na sociedade.

A agenda-setting na televisão contemporânea

As produções televisivas contemporâneas, em especial as telenovelas, têm se destacado como importantes ferramentas para promover reflexões sócio-político-culturais e moldar a opinião pública. O uso do *merchandising* social, ou ações socioeducativas, que insere questões relevantes nas narrativas, tem se revelado uma estratégia eficaz para aumentar a visibilidade de tópicos frequentemente marginalizados. Autores como Silva, Duarte e Silva (2013), Oliveira, Reis e Catramby (2015) e Brandão (2019) analisam esse fenômeno em produções como *Vale Tudo* (1988-1989), *O Clone* (2001-2002), *Salve Jorge* (2012-2013) e *A Força do Querer* (2017), todas da TV Globo.

Silva, Duarte e Silva (2013) destacam que *Vale Tudo* aborda moralidade e corrupção, enquanto *O Clone* discute clonagem, dependência química e cultura islâmica, trazendo à tona debates que eram pouco explorados na época. O uso do *merchandising* social, segundo os autores, não é apenas uma estratégia comercial, mas uma forma de promover reflexão e discussão entre os telespectadores, ajudando a desestigmatizar questões como homossexualidade e alcoolismo (Silva; Duarte; Silva, 2013).

A relação entre o *merchandising* social e a teoria do *agenda-setting* é central nessa análise. Os autores argumentam que as telenovelas desempenham um papel fundamental na definição da agenda de temas relevantes, influenciando o que é discutido no cotidiano. Em *Vale Tudo*, a identificação do público jovem em fóruns e redes sociais demonstra como o agendamento de assuntos sociais se expandiu para a cibercultura da internet, com a honestidade como tema principal (Silva; Duarte; Silva, 2013).

No contexto de *O Clone*, a narrativa não apenas impactou o mercado, mas também gerou discussões na mídia sobre questões como dependência química. Glória Perez misturou depoimentos reais e ficção, contribuindo para a desmistificação do usuário de drogas (Silva; Duarte; Silva, 2013). Os autores também defendem que, ao inserir questões sociais nas tramas, as telenovelas não apenas entretêm, mas também moldam a percepção pública sobre assuntos importantes.

Essa abordagem é corroborada pelo artigo de Oliveira, Reis e Catramby (2015), que analisa a intersecção entre ficção e realidade em *Salve Jorge*, focando em sua repercussão nas mídias sobre o Complexo do Alemão. Os autores observam que, durante a exibição da novela, a cobertura midiática passou a destacar temas relacionados à cultura e turismo, contrastando com a ênfase anterior em segurança e criminalidade.

A análise de conteúdo revelou que, enquanto a mídia antes da novela focava em conflitos, o período durante a exibição introduziu uma abordagem mais positiva, ressaltando o potencial turístico da região (Oliveira; Reis; Catramby, 2015). Assim, *Salve Jorge* funcionou como um agente de transformação nas agendas midiáticas, promovendo uma nova percepção sobre o Complexo do Alemão.

Ampliando essa discussão, Brandão (2019) analisa a tematização da transexualidade em *A Força do Querer*, focando na trajetória do personagem Ivan, interpretado por Carol Duarte. A telenovela não apenas trouxe à tona a história de um personagem transexual, mas também gerou um aumento significativo na discussão pública sobre as dificuldades enfrentadas por pessoas trans, incluindo preconceito e aceitação familiar.

Brandão (2019) destaca que, entre 12 de março e 2 de abril de 2017, o programa *Fantástico* exibiu a série especial *Quem Sou Eu?*, que utilizou animações para discutir a transexualidade, e o programa *Profissão Repórter* abordou a violência contra pessoas trans, exemplificando a relevância do tema na programação da emissora. A pesquisa concluiu que a telenovela, ao abordar a transexualidade de forma didática, não apenas atraiu a atenção de diversos espectadores, mas também incentivou a reflexão sobre as realidades enfrentadas pela comunidade trans.

Em suma, as pesquisas discutidas evidenciam o papel das telenovelas como agentes de transformação social, capazes de inserir questões complexas na agenda pública e fomentar discussões significativas na sociedade brasileira. O estudo das telenovelas revela-se fundamental para compreender a dinâmica entre ficção e realidade, assim como como essas narrativas podem servir como plataformas para promover mudanças sociais e desestigmatizar questões históricas e contemporâneas.

O desenvolvimento da pauta jornalística

A pauta jornalística desempenha função fundamental na construção e veiculação de notícias, atuando como um guia que orienta as decisões editoriais e molda a narrativa apresentada

ao público. Com o avanço dos meios de comunicação e das novas tecnologias, a dinâmica da produção jornalística se torna mais complexa, exigindo que os profissionais do setor se adaptem constantemente às demandas do público e às especificidades de cada plataforma.

Nogueira (2002) realiza uma etnografia em redações de jornais para investigar as interações e hierarquias que moldam o processo de construção das notícias. A pesquisa revela que as reuniões de pauta são momentos cruciais, onde temas são discutidos, selecionados e priorizados, refletindo as intenções dos jornalistas, as pressões de mercado e as expectativas da audiência.

A configuração hierárquica das redações é claramente definida, onde cada profissional desempenha um papel específico na produção da informação. Nogueira (2002) observa que, na base das redações, normalmente estão fotógrafos e repórteres, enquanto em níveis superiores encontram-se redatores, editores e diretores. Essa hierarquia impacta as dinâmicas de poder e a circulação das informações.

As reuniões de pauta, que ocorrem diariamente, permitem a troca de ideias e a formulação de estratégias para a cobertura de notícias, funcionando como um espaço onde se manifestam tensões e relações de poder. A autora enfatiza que, apesar de terem um objetivo comum, as práticas e rotinas variam entre diferentes jornais, refletindo as particularidades de cada redação (Nogueira, 2002). O domínio do código de conduta e das normas internas é essencial para o reconhecimento e prestígio dos jornalistas.

Marques (2017) examina a centralidade da pauta na organização de conteúdos jornalísticos contemporâneos, definindo a pauta como um roteiro que orienta os principais assuntos a serem abordados, permeando todo o processo produtivo. O autor argumenta que a pauta não é uma etapa isolada, mas um elemento dinâmico que evolui durante o trabalho da equipe, desde a concepção até a circulação do produto final.

O autor classifica as pautas em dois tipos: macro, que organiza toda a edição de um veículo, e micro, que se foca em um único assunto. Assim como Nogueira (2012), Marques (2017) destaca que o processo de elaboração da pauta é influenciado por fatores como a cultura da redação, a hierarquia das posições e as demandas do público. A pauta deve ser flexível, permitindo adaptações durante a produção em resposta a novas informações.

Miranda (2016) analisa a importância da pauta na produção jornalística contemporânea, especialmente na televisão, argumentando que a pauta é o ponto inicial do processo editorial do

telejornal, envolvendo a escolha de abordagens e fontes. O perfil do público-alvo é crucial na elaboração da pauta, e a equipe discute sugestões de assuntos levando em conta o contexto social.

Miranda (2016) também aborda a interatividade e a multimodalidade, que se tornaram essenciais na produção jornalística, permitindo que a pauta se adapte às exigências das plataformas digitais. A participação ativa da audiência, que pode sugerir pautas e interagir com os jornalistas, transforma a dinâmica da produção de notícias.

Além disso, o autor observa a tensão entre a cobertura de temas factuais e a necessidade de preencher lacunas nas edições. A pauta deve incluir não apenas eventos emergenciais, mas também temas que abordem o cotidiano e a cultura, contribuindo para uma diversidade de conteúdos que reflitam a sociedade (Miranda, 2016).

Em suma, a análise da pauta jornalística revela sua importância como um instrumento de organização da produção de notícias e como uma ferramenta poderosa para moldar o discurso público. Os estudos de Nogueira, Marques e Miranda evidenciam que a construção da pauta é um processo dinâmico e interativo, que deve considerar as complexidades sociais e as demandas do público.

A reflexão crítica sobre a pauta e sua adaptação às novas realidades da comunicação contemporânea são essenciais para o desenvolvimento de um jornalismo que não apenas informe, mas que promova inclusão e diversidade. Assim, a pauta se posiciona como um espaço de resistência e transformação, capaz de desafiar narrativas hegemônicas e contribuir para uma sociedade mais justa e equitativa.

Programas jornalísticos na contemporaneidade

No atual cenário de transformação e reflexão sobre o papel do telejornalismo na sociedade contemporânea, a intersecção entre jornalismo, entretenimento e questões sociais se torna evidente na construção das narrativas televisivas. Trabalhos de I. Gomes (2007), L. Gomes (2011) e Silva e Pelúcio (2012) revelam a complexidade dessas narrativas e o impacto que elas têm na formação da opinião pública.

I. Gomes (2007) argumenta que os programas jornalísticos devem ser analisados não apenas por suas práticas técnicas, mas também por suas implicações sociais e culturais. A autora propõe conceitos que orientam a análise dos programas, destacando a importância da estrutura de sentimento, do gênero televisivo e do modo de endereçamento. A autora utiliza essa noção para

explorar como elementos dominantes, residuais e emergentes interagem na construção das narrativas. Ela observa que conceitos como objetividade, imparcialidade e responsabilidade social são fundamentais nesse contexto (Gomes, I., 2007, p. 14).

O gênero televisivo refere-se às diferentes formas que os programas jornalísticos assumem ao longo do tempo e em diferentes contextos sociais. Gomes enfatiza que a análise dos gêneros deve incluir uma investigação sobre como esses formatos se relacionam com a cultura e a sociedade, permitindo uma leitura crítica dos produtos midiáticos: “Os programas telejornalísticos são, então, considerados como uma variação específica dentro da programação televisiva” (Gomes, I., 2007, p. 19).

O modo de endereçamento descreve como os programas se relacionam com seus telespectadores, mediado por estratégias comunicativas que configuram a audiência. Gomes destaca que essa relação é crucial para entender como os telejornais estabelecem vínculos com seus espectadores: “[...] permite verificar como instituição social e forma cultural se atualizam num programa específico” (Gomes, I., 2007, p. 23).

Assim, I. Gomes discute a importância de contextualizar o telejornalismo dentro de um quadro mais amplo, que considere as condições sociais, históricas e culturais em que os programas são produzidos. Essa contextualização é essencial para compreender o impacto social do telejornalismo na sociedade contemporânea.

Focando no programa *Fantástico*, L. Gomes (2011) explora a intersecção entre jornalismo e entretenimento. *Fantástico*, uma revista eletrônica da emissora, mistura conteúdos jornalísticos com elementos de entretenimento, criando um formato acessível e dinâmico para o público. A autora destaca a importância histórica e cultural do *Fantástico*, que está no ar há mais de três décadas e alcança uma audiência significativa. O programa é conhecido por entreter enquanto informa, utilizando narrativa e estética televisiva para engajar os telespectadores.

A figura dos mediadores, como Cid Moreira e Glória Maria, desempenha um papel crucial na construção da identidade do programa. A narração de Cid Moreira confere credibilidade, enquanto a performance dos apresentadores estabelece uma conexão emocional com a audiência. A escolha de apresentadores com trajetórias reconhecidas no jornalismo busca equilibrar entretenimento com a seriedade das reportagens (Gomes, L., 2011).

L. Gomes (2011) também analisa a estrutura do programa, dividida em quadros fixos e matérias, permitindo uma abordagem variada dos conteúdos. O programa frequentemente se refere a si mesmo e à grade da emissora, criando um diálogo contínuo com a audiência e

reforçando sua identidade. Além disso, a organização temática das edições do *Fantástico* recorre a temas cotidianos, explorando personagens e situações inusitadas que capturam a atenção do público: “É na tentativa de dar conta das mais diferentes situações do dia a dia que o *Fantástico* busca abarcar uma ampla audiência nacional” (Gomes, L., 2011, p. 279).

Ao concluir, L. Gomes (2011) ressalta que o *Fantástico* exemplifica a hibridização entre jornalismo e entretenimento, demonstrando como essa combinação pode ser eficaz na formação da opinião pública. A autora argumenta que a análise do telejornalismo deve considerar as complexas relações sociais e culturais que permeiam a produção e recepção das notícias.

Silva e Pelúcio (2012), por sua vez, discutem a produção e recepção de reportagens sobre diversidade sexual no *Fantástico*. A pesquisa baseia-se em um levantamento de reportagens veiculadas entre 2007 e 2011, focando em um caso de agressão a um jovem homossexual que catalisou a discussão sobre intolerância e homofobia no Brasil.

As autoras destacam que, embora algumas reportagens reproduzam estereótipos, há um esforço em pautar as questões com um olhar menos preconceituoso. Em um dos exemplos, a narrativa da reportagem sobre a agressão foi marcada por um tom condenatório, evidenciando uma mudança editorial em direção a uma abordagem mais inclusiva: “O ato foi classificado como covarde e preconceituoso, e a palavra ‘intolerância’ foi veiculada em destaque” (Silva; Pelúcio, 2012, p. 2).

Embora o programa tratasse frequentemente de questões relacionadas à homossexualidade de forma sensacionalista, ele busca promover um espaço de discussão sobre essas identidades. As reportagens, mesmo com preconceitos, contribuem para construir um discurso público mais inclusivo: “[...] as pautas têm contribuído para agendar o tema no debate público” (Silva; Pelúcio, 2012, p. 10).

Em conclusão, os estudos revisitados ressaltam a complexidade do telejornalismo contemporâneo, especialmente na representação de questões sociais como a diversidade sexual. Ao abordar o *Fantástico*, observa-se como a hibridização entre jornalismo e entretenimento pode informar e entreter, considerando o agendamento e estabelecendo um diálogo com a audiência.

A relevância da telenovela para a sociedade brasileira

As telenovelas, por meio de narrativas complexas e da capacidade de abordar questões sociais relevantes, consolidaram-se como uma forma poderosa de mediação cultural na América

Latina, especialmente no Brasil, um dos principais produtores e consumidores desse formato. A evolução do conteúdo e da tecnologia das telenovelas permite um diálogo contínuo entre ficção e realidade, ampliando seu impacto social.

Martín-Barbero (1988) analisa o fenômeno da telenovela, explorando suas raízes históricas e sua relevância cultural no contexto latino-americano. O autor argumenta que a telenovela é um espaço privilegiado para expressar matrizes culturais, refletindo e moldando as identidades sociais de um público amplo.

Martín-Barbero (1988) traça um panorama histórico que remonta às origens da telenovela, destacando suas influências do teatro popular, da literatura oral e do folhetim. O autor observa que o melodrama se tornou um modo narrativo fundamental para o formato, caracterizando-se por elementos que misturam espetáculo e tradição: “Desde 1790, vai se chamar melodrama, especialmente na França e na Inglaterra, a um espetáculo popular que é muito menos e muito mais que teatro” (Martín-Barbero, 1988, p. 138).

A telenovela mantém uma forte ligação com a cultura dos contos e das lendas, além de uma temporalidade ligada ao presente, onde “[...] sabe-se quando começa, mas não quando terminará” (Martín-Barbero, 1988, p. 160). Para o autor, a identificação do público é gerada por quatro tipos de personagens presentes no melodrama: o traidor, o justiceiro, a vítima e o bobo. O traidor representa o mal, enquanto a vítima simboliza a inocência. O justiceiro é o herói que desmascara o traidor, e o bobo traz humor e crítica social, desafiando a retórica dos protagonistas.

Especificamente no Brasil, Borelli (2001) destaca a relevância da telenovela como um dos principais produtos da indústria televisiva, enfatizando que as telenovelas são capazes de provocar mudanças significativas, influenciar o cotidiano e propor novos comportamentos. Borelli (2001) explora a evolução das telenovelas desde os anos 1950, quando foram inicialmente transmitidas pela TV Tupi, e destaca sua transformação em um fenômeno cultural que estabelece profundas relações de empatia com os espectadores. As telenovelas se tornaram um espaço de experimentação narrativa, refletindo as tensões sociais, políticas e econômicas do país.

Durante as décadas de 1970 e 1980, as telenovelas brasileiras sofreram transformações tecnológicas e narrativas que contribuíram para a sofisticação do formato. Inovações como o videoteipe e a transmissão em cores permitiram uma maior complexidade nas produções, refletindo criticamente a realidade brasileira (Borelli, 2001).

Dessa forma, o estudo de Borelli não apenas traça um panorama histórico, mas também ressalta a importância contínua das telenovelas como fenômeno cultural que contribui para a

construção da identidade coletiva no Brasil. Ao explorar as múltiplas camadas de significado e influência das telenovelas, a autora ilumina seu papel crucial na mediação cultural e na formação da opinião pública.

Marques e Lisbôa Filho (2012) destacam a telenovela como um dos principais produtos midiáticos e culturais. Os autores investigam as características desse formato, afirmando que ele é “[...] uma linguagem dotada de um conjunto de significações e representações disseminadas através das imagens, sons e movimentos” (Marques; Lisbôa Filho, 2012, p. 74). As telenovelas brasileiras se diferenciam dos modelos tradicionais ao incorporar diversas tramas e personagens que abordam temas sociais contemporâneos, como violência urbana e homossexualidade. Essa complexidade narrativa permite que as telenovelas atuem como espelhos da sociedade, promovendo debates sobre questões de interesse público.

O artigo ressalta a evolução das telenovelas no Brasil, desde *Sua Vida me Pertence* na TV Tupi em 1951 até a consolidação do gênero na década de 1970. A introdução de cores em *O Bem Amado* e a exportação de telenovelas para o mercado internacional são marcos importantes dessa trajetória (Marques; Lisbôa Filho, 2012).

A TV Globo é reconhecida por sua capacidade de adaptar e inovar, estabelecendo faixas horárias para novelas com temáticas variadas. Os autores afirmam que as telenovelas adquirem uma função social ao abordar temas como doação de órgãos, eutanásia e corrupção, propiciando reflexões sobre assuntos relevantes na sociedade (Marques; Lisbôa Filho, 2012, p. 78).

Em conclusão, Marques e Lisbôa Filho (2012) mostram que as telenovelas brasileiras, especialmente as da TV Globo, destacam-se por integrar ficção e realidade, servindo como meio de comunicação que reflete e influencia a sociedade. Por meio de narrativas envolventes, esse formato televisivo continua a cativar audiências e desempenhar uma função significativa na cultura brasileira.

Ao sintetizar as visões aqui expostas, observa-se que as telenovelas, ao integrar temas como violência urbana e homossexualidade, não apenas refletem, mas também influenciam a sociedade, promovendo debates sobre questões de interesse público. Assim, as telenovelas permanecem centrais na cultura latino-americana, reafirmando sua relevância e impacto no cenário cultural contemporâneo.

A inclusão de temáticas cidadãs na telenovela

A inclusão de temáticas cidadãs nas telenovelas brasileiras representa uma evolução significativa no papel dessas produções como veículos de comunicação social. Tradicionalmente vistas como formas de entretenimento, as telenovelas têm transcendido essa função ao integrar questões político-sociais relevantes em suas narrativas, tornando-se uma plataforma poderosa para o debate público.

Motter (1998) analisa a evolução da telenovela brasileira como um meio de comunicação que vai além do entretenimento, transformando-se em uma plataforma para discutir questões do cotidiano. A autora destaca como o formato se afastou dos modelos tradicionais, como a *soap opera* norte-americana e os dramalhões mexicanos, adotando uma abordagem mais crítica e realista: “Essas telenovelas mostram que a vida cotidiana vai sendo incorporada de modo mais abrangente e concreto na sua convivência com a prostituição, o homossexualismo, a droga, a pedofilia, o crime e a violência urbana” (Motter, 1998, p. 90).

Essa abordagem, que expõe temas antes considerados tabus, não apenas ilustra os problemas sociais, mas também os contextualiza na vida cotidiana dos personagens, promovendo reflexão entre os telespectadores. Motter (1998) menciona *O Rei do Gado* e sua discussão sobre a questão agrária e o Movimento dos Sem-Terra, evidenciando o potencial das telenovelas em influenciar o debate público e até mesmo políticas governamentais.

Além disso, a autora argumenta que as telenovelas brasileiras desafiam o público a reconsiderar estereótipos e preconceitos, utilizando narrativas críticas e envolventes. Em comparação com o jornalismo, ela observa que: “Diferentemente do cotidiano fragmentado e rápido do telejornal, que reafirma as opressões do dia, a telenovela contextualiza sem pressa, comove, diverte e envolve o espectador numa relação afetiva com as personagens” (Motter, 1998, p. 101).

Em resumo, Motter (1998) destaca a telenovela brasileira como um fenômeno cultural que desempenha um papel significativo na mediação entre ficção e realidade, promovendo discussões que vão além do entretenimento e contribuindo para a formação de um público mais crítico e engajado. As telenovelas se estabelecem como uma “arte do cotidiano”, capaz de gerar impacto social e cultural.

De forma similar, Hamburger (2011) discute como as telenovelas, exibidas em horário nobre e inicialmente destinadas a um público feminino, evoluíram para atrair uma audiência diversificada. Para a autora, as telenovelas capturam e expressam interpretações do Brasil em um momento de rápidas transformações sociais: “A opção por narrativas que se passam em espaços

significativos do Brasil contemporâneo atende à expectativa de realizadores e autores envolvidos com ideais nacionais” (Hamburger, 2011, p. 68).

Essas produções exploram questões como urbanização, desigualdades sociais e fragmentação familiar. Hamburger (2011) observa que as telenovelas da Rede Globo, a partir de 1969, abordaram os dramas da modernização e suas consequências. Outras emissoras, como a Rede Manchete e a Record, também ofereceram diferentes interpretações do Brasil; a Manchete, por exemplo, trouxe paisagens exóticas do Pantanal, enquanto a RecordTV introduziu o cenário das favelas em *Vidas Opostas*.

Hamburger (2011) também analisa a complexa rede de relações que envolve as telenovelas, incluindo agendas militares autoritárias e interesses de anunciantes. Essa mistura de influências ajudou o formato a se tornar um meio poderoso de reflexão sobre a nação brasileira. Complementando essas análises, Lopes (2021) destaca a telenovela como um vetor fundamental da cultura nacional, enfatizando seu papel na educação em direitos humanos. A autora argumenta que a telenovela evoluiu para se tornar um recurso comunicativo que não apenas entretém, mas também informa o público sobre questões sociais críticas.

Lopes (2021) observa que a telenovela combina elementos do melodrama com narrativas realistas, transcendeu suas origens como entretenimento, e se tornou um fórum de debates sobre a nação. Ela aborda temas como mobilidade social, diversidade racial e sexual, e a afirmação feminina. A autora ressalta a função pedagógica da telenovela, que promove valores sociais e éticos: “A telenovela passou a incorporar uma ação pedagógica explícita que traz definições e forma opinião acerca dos temas sociais abordados” (Lopes, 2021, p. 23).

A partir dessa perspectiva, Lopes introduz o conceito de *merchandising social*, uma estratégia que insere mensagens socioeducativas nas tramas, abordando temas como saúde e direitos humanos: “O *merchandising social* consiste na veiculação de mensagens socioeducativas explícitas nas produções de teledramaturgia” (Lopes, 2021, p. 28). A telenovela é vista como um espaço de pertencimento e desenraizamento, refletindo a complexidade das identidades culturais em um mundo globalizado. Lopes conclui que: “A institucionalização da telenovela na cultura brasileira pode ser ativada na busca pela cidadania cultural” (Lopes, 2021, p. 32).

Em síntese, esses estudos posicionam a telenovela como um elemento significativo da cultura midiática brasileira, destacando sua capacidade de moldar e refletir a sociedade. Assim, ao entreter, essa narrativa televisiva também educa e promove debates sobre questões fundamentais para a construção de uma cidadania ativa e consciente.

Assexualidade como temática cidadã emergente

A assexualidade, uma orientação sexual que tem ganhado visibilidade nas últimas décadas, desafia normas tradicionais e propõe novas formas de entender a intimidade e a identidade sexual. Pesquisas recentes, como as de Brigeiro (2013), Coletto (2022) e Rozenthal (2018), abordam esse fenômeno sob diferentes ângulos, evidenciando sua complexidade e relevância social.

Brigeiro (2013) explora a assexualidade a partir de uma perspectiva antropológica. O autor investiga como essa identidade emergente se articula em comunidades virtuais, como a Asexual Visibility and Education Network (AVEN), e como essas articulações se conectam a discursos acadêmicos e científicos. Utilizando uma abordagem etnográfica, Brigeiro analisa como essas comunidades buscam visibilidade e legitimidade, promovendo uma nova compreensão da assexualidade que se distancia de noções patológicas.

O autor argumenta que a assexualidade desafia a centralidade do sexo nas relações afetivas e na autodefinição, propondo uma redefinição das normas sexuais. Ele observa que os cientistas que estudam a assexualidade não estão vinculados à perspectiva biomédica, mas sim interessados em ampliar o horizonte acadêmico com novas questões: “Seu interesse no tema parece estar bastante associado ao que ele representa no universo científico” (Brigeiro, 2013, p. 281). Assim, a pesquisa de Brigeiro contribui para o debate sobre como a ciência pode interagir com movimentos sociais emergentes, refletindo sobre os limites e potenciais dessas interações na reformulação de conceitos de desejo e sexualidade.

Coletto (2022) investiga como pessoas assexuais experienciaram sua educação sexual no ambiente escolar. A pesquisa qualitativa analisa a história e definições de assexualidade, bem como a abordagem da educação sexual nos documentos educacionais brasileiros, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Os resultados mostram que a educação sexual foi predominantemente biologicista e heteronormativa, sem contemplar a diversidade sexual ou a assexualidade: “90% dos participantes afirmam ter estudado apenas anatomia, métodos contraceptivos e ISTs” (Coletto, 2022, p. 31).

Os participantes relataram desconforto em relação à normatividade sexual ensinada, evidenciando a necessidade de uma educação sexual mais inclusiva que aborde consentimento e diversidade sexual. O estudo de Coletto (2022) promove a visibilidade da assexualidade e contribui para a construção de uma educação mais respeitosa da diversidade sexual.

Com uma abordagem diferente, Rozenthal (2018) propõe um deslocamento da visão tradicional de identidade sexual para uma singularidade do sujeito. O autor argumenta que a assexualidade, ao ser vista como singularidade, promove a estilização do sujeito e abre espaço para a multiplicidade de sexualidades: “A valorização da assexualidade como singularidade nos remete a uma verdadeira democracia sexual” (Rozenthal, 2018, p. 122-123).

Esse raciocínio contrasta com a visão de assexualidade como mera identidade, que muitas vezes leva à categorização dentro de um contexto normativo. Rozenthal (2018) discute a diferença entre idealização, que reforça identidades preexistentes, e sublimação, que permite a emergência de novas formas de desejo e identidade sexual. A sublimação possibilita que o indivíduo exerça sua sexualidade de acordo com suas características singulares, além das normas estabelecidas.

Em síntese, os estudos apresentados destacam a importância de reconhecer a assexualidade não apenas como uma identidade sexual, mas como uma força transformadora na compreensão da diversidade sexual. Tais abordagens exploram a assexualidade como um movimento político e científico emergente, trazem a experiência educacional de pessoas assexuais e oferecem uma visão psicanalítica que sugere a assexualidade como uma singularidade que transcende categorias sexuais normativas.

Representações de sujeitos assexuais na mídia televisiva

A representação de sujeitos assexuais na mídia televisiva tem se tornado um tema de crescente interesse acadêmico e social, dada sua capacidade de influenciar percepções culturais e normas sociais. Pesquisas de Oliveira (2012), Rocha, Falcão, Barboza e Bueno (2020) e Silva (2021) exploram como programas de televisão nos Estados Unidos e no Brasil abordam a assexualidade, muitas vezes confrontando-a com um viés medicalizante ou cético.

Oliveira (2012) examina como a falta de desejo sexual tem sido tratada historicamente pela medicina como um transtorno. A autora discute o papel da AVEN na promoção da visibilidade da assexualidade, destacando a participação de membros da AVEN em programas de TV para compartilhar suas experiências e debater a legitimidade da assexualidade como orientação sexual. Oliveira observa que, frequentemente, os profissionais da saúde veem a falta de desejo sexual como um problema médico que precisa de tratamento, relutando em aceitar a assexualidade como uma orientação válida.

Em seus estudos, Oliveira (2012) menciona que programas reforçam a representação da sexualidade heteronormativa. Por exemplo, as imagens de casais heterossexuais felizes contrastam com a discussão da assexualidade, reforçando a ideia de que relacionamentos sexuais são a norma. Embora essa perspectiva limitada prevaleça, a autora defende uma abordagem multidisciplinar que reconheça a assexualidade como parte da diversidade sexual.

Silva (2021) analisa a narrativa midiática na formação identitária da comunidade assexual. A autora observa que, no programa *The View*, David Jay, fundador da AVEN, enfrentou ceticismo e ridicularização ao discutir a assexualidade. Sua breve aparição foi marcada por interrupções e comentários humorísticos, resultando em uma percepção negativa da sua orientação.

Em contraste, o programa brasileiro *Estação Plural*, exibido em 2 de agosto de 2016, abordou a assexualidade de maneira mais respeitosa, reconhecendo-a como parte da comunidade LGBTQIAPN+ (Silva, 2021). A psiquiatra Carmita Abdo explicou a assexualidade como uma orientação sexual distinta, destacando que cerca de 7% das mulheres e 2% dos homens brasileiros se identificam como assexuais. Apesar de algumas imprecisões, a discussão refletiu uma evolução na abordagem do tema na mídia brasileira.

A autora argumenta que a assexualidade, como narrativa contra-hegemônica, desafia normas sexuais e heteronormativas e que a mídia deve promover discursos inclusivos: “A mídia tem muito poder para endossar identidades, assim como estereótipos, e, consequentemente, a aceitação delas pelo grande público” (Silva, 2021, p. 128).

Rocha, Falcão, Barboza e Bueno (2020) examinam como a assexualidade é retratada em narrativas ficcionais. Analisando episódios de *House M.D.* e *Game of Thrones*, os autores destacam que a assexualidade é frequentemente invisibilizada ou patologizada. No episódio de *House M.D.*, a assexualidade é tratada como uma condição médica, sugerindo que a ausência de desejo sexual é desviante. Em contrapartida, *Game of Thrones* apresenta Varys, um personagem que, embora não tenha sua assexualidade explicitamente nomeada, exibe características que sugerem essa experiência sem ser patologizado.

Os autores argumentam que as séries de televisão têm o potencial de disseminar discursos que influenciam o imaginário social, ressaltando a necessidade de avançar em direções que desafiem ideais hegemônicos e promovam uma compreensão mais abrangente e respeitosa da sexualidade.

Em suma, enquanto programas como *The View* e *House M.D.* exemplificam a resistência à aceitação da assexualidade como uma orientação legítima, iniciativas como *Estação Plural* e

Game of Thrones demonstram progresso na conscientização e respeito às narrativas contra-hegemônicas. A televisão, assim, detém um potencial significativo para moldar o imaginário social e promover diálogos mais abrangentes sobre sexualidade.

A telenovela *Travessia* e a representação da assexualidade

Travessia é uma telenovela escrita por Glória Perez, exibida pela TV Globo entre 10 de outubro de 2022 e 5 de maio de 2023, que narra o romance duradouro entre Ari (Chay Suede) e Brisa (Lucy Alves), dois jovens do interior do Maranhão. Contudo, uma das linhas de enredo paralelas se concentra na assexualidade, abordando a construção da identidade de Rudá, um adolescente que entra em conflito interno por não sentir atração por meninos nem por meninas, enquanto lida com a pressão social imposta pela família. Outra faceta da trama apresenta Caíque, que, embora apaixonado por Leonor, não sente atração sexual por ela.

Em análise sobre Rudá, apresentada no 32.º Encontro Anual da Compós (Hergesel; Silva, 2023), discute-se o desenvolvimento do personagem com foco nas escolhas estilísticas de sua composição. O estudo começa com a primeira aparição de Rudá no capítulo de 10 de outubro de 2022. Nessa cena, o garoto está imerso no mundo digital, criando uma *deepfake* de Brisa que a retrata falsamente como sequestradora de bebês, um evento que viraliza nas redes sociais e desencadeia a trama principal da novela, embora não seja o foco da nossa análise.

A introdução de Rudá no audiovisual fornece pistas sobre sua personalidade. Um *close-up* que captura apenas parte de seu rosto revela um jovem branco, com cabelos levemente cacheados e uma expressão séria. Ao olhar diretamente para a câmera, ele sugere intimidade, convidando o espectador a se tornar cúmplice de sua ação criminosa. A cena em câmera lenta, em que Rudá toca o botão de compartilhar, reforça a ideia de que o espectador está envolvido na disseminação da imagem falsa.

A narrativa posiciona Rudá em Portugal devido ao casamento de sua mãe, Guida, com Moretti, e ele vive temporariamente na casa do novo padrasto, sob os cuidados de Dona Inácia. Em 12 de outubro de 2022, a rebeldia de Rudá começa a se manifestar quando ele se esparrama no sofá, veste calças rasgadas e se recusa a amarrar os cadarços. O diálogo nesse momento ilustra sua dependência e comodidade, com Guida informando que sairá em lua de mel, enquanto ele reclama por não saber cozinhar ou se locomover sozinho.

Essa cena constrói a imagem de um adolescente dependente, incapaz de sobreviver sem os pais, projetando neles a razão de sua dependência. Guida faz comentários como “Você tá bem crescidinho”, mas pede para Dona Inácia cuidar dele, mostrando uma contradição entre suas palavras e ações. A governanta, embora tente mimá-lo, assume uma posição de autoridade ao solicitar que ele amarre os cadarços, enquanto Rudá resiste, evidenciando seu desejo de independência.

A cena ilustra o limbo da adolescência, em que Rudá é visto como crescido, mas ainda não maduro o suficiente para cuidar de si. Ele busca parecer autônomo, mas reconhece sua necessidade de ajuda. Sua postura corporal reflete essa dualidade: relaxado quando se sente seguro e encolhido quando dependente. Essa performance enfatiza o contraste entre o conforto sob os cuidados da mãe e o desconforto ao saber que ficará sozinho.

Em 15 de outubro de 2022, após ouvir que Rudá planeja fugir, Guida o confronta sobre um suposto namoro, mas ele nega interesse por garotas, gerando especulações por parte de Moretti sobre sua sexualidade. Guida, tentando ser compreensiva, afirma que aceitaria se ele fosse gay, mas Rudá se opõe à insistência dela em relacioná-lo romanticamente. A manutenção de seu uniforme escolar sugere que ele ainda está conectado ao ambiente escolar.

A narrativa aborda a afirmação da masculinidade na sociedade patriarcal, como descrito por Beauvoir, à medida que Rudá começa a desconstruir a heteronormatividade imposta por sua mãe e padrasto. Sua seriedade constante e a apresentação descalço simbolizam sua honestidade ao expressar seus sentimentos, enquanto a contraluz sugere o enigma que vive consigo mesmo.

Diversas intervenções na vida pessoal de Rudá ocorrem ao longo da trama. Moretti frequentemente insinua interesses femininos, e Rudá, exausto das pressões, cria um deepfake do padrasto, gerando tensões. Guida tenta ser empática, mas ainda pressiona Rudá sobre sua sexualidade, levando-o a afirmar enfaticamente que não é gay. As cenas exploram sua complexidade emocional, especialmente durante confrontos com sua mãe e padrasto.

Nos capítulos de novembro, Rudá se depara com pôsteres de mulheres seminuas em seu quarto, o que resulta em um rompimento com a casa de Moretti. Na casa de Cotinha, ele conhece Caíque, que mais tarde se revela assexual e se torna um mentor para Rudá. A conversa franca com Cotinha sobre sua falta de interesse por namoro marca um momento importante de autodescoberta para Rudá, que começa a aceitar sua identidade assexual.

Nos capítulos de dezembro, a revelação de Caíque como assexual romântico ajuda Rudá a encontrar conforto em sua própria identidade, enquanto a narrativa continua a explorar desafios

familiares. A aceitação de Rudá de sua assexualidade é visivelmente aliviadora quando está perto de Caíque, simbolizando seu crescimento pessoal e a liberação das pressões sociais.

Nos capítulos subsequentes, Rudá continua a lidar com os conflitos familiares decorrentes do divórcio de sua mãe, Guida, com Moretti. Em 7 de janeiro de 2023, ele leva uma amiga para casa e se vê constrangido por Guida e sua tia-avó, Cotinha, que estão curiosas sobre a menina. No dia 9, quando Cotinha sugere que em breve ele estará namorando a garota, Rudá se sente pressionado e compara Cotinha a Moretti, indicando que até mesmo quem ele considerava um apoio está se tornando inconveniente.

Em 10 de janeiro de 2023, durante uma conversa com Caíque, Rudá descobre que seu desinteresse afetivo-sexual não é isolado. Caíque compartilha suas próprias experiências, revelando como também foi visto como excêntrico por não querer namorar na adolescência. Este diálogo se torna um ponto de virada para Rudá, que encontra em Caíque um mentor para explorar sua identidade e desafiar o binarismo hetero/homossexual. É um dos poucos momentos em que Rudá discute sua sexualidade sem estar à contraluz, simbolizando maior clareza e aceitação de si mesmo.

À medida que o tempo avança, até 26 de janeiro de 2023, Caíque confia a Rudá que seu relacionamento com Leonor é complicado, pois aprecia beijos e abraços, mas não sexo. Ele pergunta se Rudá sente o mesmo em relação às mulheres, e Rudá, embora tímido, concorda. Caíque sugere que Rudá seja um “assexual estrito”, alguém que não sente falta de sexo ou de intimidades físicas. Este termo leva Rudá a refletir sobre sua identidade, possivelmente como um assexual aromântico, alguém que não busca vínculos românticos ou sexuais.

No final de janeiro e início de fevereiro de 2023, Rudá decide abrir-se com sua mãe sobre suas conversas com Caíque e suas descobertas pessoais. Guida, não aceitando a possibilidade de ter um filho assexual, insiste que ele precisa de um psicólogo e expressa resistência à ideia, preferindo que ele fosse homossexual. Essas reações revelam o preconceito subjacente e a dificuldade de Guida em compreender a identidade do filho, reforçando as tensões em torno da aceitação familiar.

Em 4 de fevereiro de 2023, mais leve e liberto, Rudá encontra conforto ao lado de Caíque, usando roupas mais casuais e sorrindo, simbolizando sua crescente autoaceitação. No dia 17 de fevereiro, pressionado a beijar uma menina, Rudá se vê novamente em contraluz, representando seus medos e inseguranças que ressurgem. No entanto, a intervenção de Caíque, que o resgata da situação embaraçosa, traz alívio e um sorriso a Rudá, reafirmando seu apoio contínuo.

O programa *Fantástico* e a reportagem sobre assexualidade

A temática da assexualidade, embora fosse linha de enredo secundária na telenovela, gerou grande repercussão nas redes sociais, com diversos comentários, posicionamentos e torcida em relação aos personagens assexuais na novela. A discussão se estendeu para portais de notícias de grande alcance, por meio de artigos, entrevistas e comentários, ampliando o conhecimento do público que acompanha a trama, resultando em maior possibilidade de engajamento, identificação, visibilidade e respeito.

O Google Trends, ferramenta do Google para medição da reverberação popular, mostra que buscas na plataforma com o termo “assexualidade” cresceram consideravelmente após a estreia da telenovela, atingindo seu ápice na metade do mês de dezembro, quando o enredo se voltou diretamente a essa temática e rendeu a reportagem no *Fantástico*.

Veiculada em 18 dezembro de 2022, a reportagem de 7 minutos, intitulada “Assexuais, pessoas como Caíque e Rudá, de ‘Travessia’, falam da vida sem sexo” ficou disponível para acesso livre e gratuito no Globoplay³. A matéria toma como ponto de partida os personagens ficcionais, que têm contribuído para aumentar a visibilidade e compreensão sobre a vida sem sexo.

O vídeo se inicia com o depoimento de Renata Greg, uma mulher que se descobriu assexual aos 22 anos, ilustra a experiência de muitos que, desde a adolescência, percebem-se diferentes, mas não encontram reconhecimento ou compreensão social. Na sequência, o estudante Felipe Monteiro relata que se descobriu assexual também com cerca de 22 anos, depois de ter se declarado como homossexual para sua mãe.

A jornalista Renata Ceribelli, então, aparece em cena para explicar que assexuais são somente os indivíduos que nunca fazem sexo. Ela destaca que existem diferentes tipos de assexuais, como os estritos, que nunca têm relações sexuais; os demissexuais, que desenvolvem desejo sexual apenas em contextos de envolvimento afetivo; e os assexuais da área cinza (também chamados de “grayssexuais”), que ocasionalmente sentem atração sexual.

Em seguida, a psicóloga e terapeuta sexual Ana Canosa esclarece que os assexuais são sujeitos que, embora não experimentam desejo sexual, vivem bem assim. Ela enfatiza a

³ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/11214044/>. Disponível em: 2 fev. 2025.

necessidade de despatologizar comportamentos que fogem do que é considerado comum, ressaltando que o sexo não é universalmente essencial para todos.

Resgatando cenas da telenovela, a locução em *off* de Ceribelli relata que Caíque, personagem de Thiago Fragoso, declarou à sua namorada, Leonor, personagem de Vanessa Giácomo, que gosta de namorar, mas que não deseja manter relações sexuais com a moça. Há uma ênfase na seguinte fala: “Se pode existir sexo sem amor, também existe amor sem sexo”.

Ao ser entrevistado, o ator Thiago Fragoso, assumindo que foi uma das cenas mais emblemáticas que já fez na vida e que precisou ser ensaiada e repetida diversas vezes até encontrar o melhor modo de ser contada. Já o ator Guilherme Cabral explica que os jovens de sua idade, mesmo que já estejam com a mente mais aberta e sejam livres de preconceito, ainda têm dúvidas sobre esse tema.

A representação da assexualidade na novela *Travessia* tem gerado discussões públicas, com muitos espectadores se identificando com o personagem Rudá, vivido por Guilherme Cabral, que enfrenta a pressão do padrasto para iniciar sua vida sexual. Essa narrativa tem proporcionado uma oportunidade valiosa para o público refletir sobre a diversidade sexual e questionar normas sociais preestabelecidas.

Ceribelli explica, então, que a assexualidade está representada pela letra “A” da sigla LGBTQIA+ (atualmente denominada LGBTQIAPN+) e apresenta dados do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas de São Paulo. Esses números indicam que a assexualidade é mais prevalente do que se imagina, com 7,7% das mulheres e 2,5% dos homens brasileiros, entre 18 e 80 anos, identificando-se como assexuais.

Mesmo com esse número significativo, o preconceito persiste, com a ideia equivocada de que assexualidade requer “cura”. Ana Canosa explica que, durante muito tempo, essas pessoas foram tratadas como pacientes com disfunção sexual, falta de libido ou com problemas hormonais, algo que deve ser evitado, haja vista a dificuldade em se determinar fixamente a orientação sexual de outrem.

Thiago Fragoso, ao falar sobre a função social de seu personagem, reforça a importância do acolhimento e da mente aberta para entender e aceitar os assexuais. Já Guilherme Cabral revela que recebe diversas mensagens de telespectadores que dizem se identificar com o personagem, assim como verifica que várias de suas cenas têm se tornando altamente acessadas nas redes sociais.

Por fim, a fala de Ana Canosa que fecha a reportagem é a de que falar sobre assexualidade “de maneira clara e aberta”, dando visibilidade a essa temática, ajuda as pessoas no processo de identificação e acolhimento, bem como de respeito ao próximo. Cenas da telenovela são exibidas por mais alguns segundos, em especial de Caíque e Leonor andando de bicicleta na praia, sugerindo que eles são um casal feliz.

Fica evidente, com essa análise descritiva, que a convergência entre ficção e jornalismo ilustra o potencial da mídia televisiva em educar e sensibilizar o público sobre questões de identidade sexual, promovendo aceitação e respeito às diferenças individuais.

Considerações Finais

Este trabalho teve como objetivo investigar como a teledramaturgia pode influenciar e pautar a agenda jornalística, utilizando a abordagem da Teoria do Agendamento como base teórica para compreender essa interação. Ao cotejar os aportes teóricos com o objeto de estudo, consideramos que os objetivos foram atingidos ao se analisar a representação da assexualidade na narrativa de *Travessia*, que, ao introduzir personagens como Rudá e Caíque, trouxe à tona discussões sobre diversidade sexual em uma plataforma de grande alcance.

A pesquisa apontou que a narrativa da telenovela, ao abordar a assexualidade, não apenas despertou interesse e debate público, mas também levou à produção de uma reportagem no *Fantástico*, demonstrando como a ficção televisiva pode influenciar diretamente as pautas jornalísticas e ampliar o diálogo social sobre temas emergentes. Além disso, a pesquisa evidenciou a capacidade das telenovelas de integrar e promover discursos sobre direitos humanos e diversidade, atuando como agentes de mudança social, sobretudo quando alinhadas com a Teoria do Agendamento.

Ao destacar a inclusão de temáticas cidadãs, este trabalho reforça a função social da teledramaturgia na formação de opinião pública e na promoção de debates sociais relevantes, sublinhando a importância de um jornalismo que dialogue com a complexidade e a diversidade da sociedade contemporânea.

Referências

BARROS FILHO, Clóvis. Impor sobre o que falar (a hipótese do *agenda-setting*). In: BARROS FILHO, Clóvis. **Ética na comunicação**. 4. ed. São Paulo: Summus, 2003. p. 169-206.

BORELLI, Silvia Helena Simões. Telenovelas brasileiras: balanços e perspectivas. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 29-36, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-88392001000300005>. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/spp/a/Vtn4XXFkFf9K9X8Q8BnNqVh/?lang=pt>. Acesso em: 14 jan. 2025.

BRANDÃO, Lucas Leonardo de Carvalho Leal. Telenovela e agendamento: a tematização da transexualidade em *A Força do Querer*. In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 15., 2019, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: ENECULT, 2019. Disponível em: <http://www.xvenecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-484/112314.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2025.

BRIGEIRO, Mauro. A emergência da assexualidade: notas sobre política sexual, ethos científico e o desinteresse pelo sexo. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, Rio de Janeiro, n. 14, p. 253–283, ago. 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1984-64872013000200012>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sess/a/vdJ6wRJm6bY9ndphcwDjGGK/?lang=pt>. Acesso em: 14 jan. 2025.

COLETTI, Jéssica dos Passos. **Assexualidade e diversidade sexual**: percepções de pessoas assexuais acerca de sua educação sexual escolar. 2022. 65 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/26090>. Acesso em: 14 jan. 2025.

GOMES, Itania Maria Mota. Questões de método na análise do telejornalismo: premissas, conceitos, operadores de análise. **E-Compós**, Brasília, v. 8, 2007. DOI: <https://doi.org/10.30962/ec.126>. Disponível em: <https://e-compos.emnuvens.com.br/e-compos/article/view/126>. Acesso em: 14 jan. 2025.

GOMES, Luana. É Fantástico! Gênero e modos de endereçamento no telejornalismo show. In: GOMES, Itania Maria Mota (org.). **Gênero televisivo e modo de endereçamento no telejornalismo**. Salvador: EDUFBA, 2011. p. 263-280. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/9wgnc/pdf/gomes-9788523211998-12.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2025.

HAMBURGER, Esther. Telenovelas e interpretações do Brasil. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, São Paulo, n. 82, p. 61-86, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/b4TLvPwvSfT4DfSnJqJ3fvQ/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 14 jan. 2025.

HERGESEL, João Paulo; SILVA, Ana Catarine Mendes da. Assexualidade na telenovela brasileira: Rudá, de *Travessia*. In: Encontro Anual da Compós, 32., 2023, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Compós, 2023. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2023/autores/ana-catarine-mendes-da-silva?lang=pt-br>. Acesso em: 14 jan. 2025.

HOHLFELDT, Antonio. Os estudos sobre a hipótese de agendamento. **Famecos**, Porto Alegre, v. 4, n. 7, p. 42-51, nov. 1997. DOI: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.1997.7.2983>. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/2983>. Acesso em: 14 jan. 2025.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. Telenovela e direitos humanos: a narrativa de ficção como recurso comunicativo. In: LEMOS, Ligia Prezias; ROCHA, Larissa Leda (org.). **Ficção**

seriada: estudos e pesquisas (volume 3). Alumínio: Jogo de Palavras; Votorantim: Provocare Editora, 2021. p. 11-33. Disponível em: https://www.jogodepalavras.com/_files/ugd/8181f9_19bddd0287ac445885b63f17215bdc6b.pdf. Acesso em: 14 jan. 2025.

MARQUES, Alberto. O processo de produção e a pauta jornalística: sistematizando características e práticas. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 15., 2017, São Paulo. **Anais [...]**. Brasília: SBPJor, 2017. Disponível em: https://www.academia.edu/34764133/O_processo_de_produ%C3%A7%C3%A3o_e_a_pauta_jornal%C3%ADstica_sistematizando_caracter%C3%ADsticas_e_pr%C3%A1ticas. Acesso em: 14 jan. 2025.

MARQUES, Darcielle Paula; LISBÔA FILHO, Flavi Ferreira. A telenovela brasileira: percursos e história de um subgênero ficcional. **Revista Brasileira de História da Mídia**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 73-81, 2012. DOI: <https://doi.org/10.26664/issn.2238-5126.1220123930>. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/3930>. Acesso em: 14 jan. 2025.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Matrices culturales de la telenovela. **Estudios sobre las Culturas Contemporáneas**, Colima (México), v. 2, n. 5, p. 137-164, 1988. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/316/31620505.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2025.

McCOMBS, Maxwell; SHAW, Donald. The Agenda-Setting Function of Mass Media. **The Public Opinion Quarterly**, v. 36, n. 2, p. 176-187, 1972. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2747787>. Acesso em: 14 jan. 2025.

MIRANDA, Mozarth Dias de Almeida. A pauta jornalística se adapta aos novos tempos da televisão brasileira. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 39., 2016, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2016. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-2700-1.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2025.

MOTTER, Maria Lourdes. Telenovela: arte do cotidiano. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 13, v. 1, p. 89-102, 1998. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v0i13p89-102>. Disponível em: <https://revistas.usp.br/comueduc/article/view/36828>. Acesso em: 14 jan. 2025.

NOGUEIRA, Silvia Garcia. O meio jornalístico e a reunião de pauta: quando a parte expressa o todo. **Alceu**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, p. 62-73, 2002. Disponível em: https://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/media/alceu_n5_Nogueira.pdf. Acesso em: 14 jan. 2025.

OLIVEIRA, Elisabete Regina Baptista. Assexualidade e medicalização na mídia televisiva norte-americana. In: VIEIRA, Tereza Rodrigues (org.). **Minorias sexuais: direitos e preconceitos**. Brasília: Consultex, 2012. Disponível em: https://generoeducacao.org.br/wp-content/uploads/2015/11/2012_Oliveira_Assexualidade-e-medicalizacao.pdf. Acesso em: 14 jan. 2025.

OLIVEIRA, Frederico Ferreira de; REIS, Jarlene Rodrigues; CATRAMBY, Teresa Cristina Viveiros. *Salve Jorge* e a influência da telenovela nas agendas midiáticas sobre o Complexo do Alemão. **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, p. 290-302, dez. 2015. Disponível em: <https://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/article/view/1219>. Acesso em: 14 jan. 2025.

ROCHA, Maria Laura Barros da; FALCÃO, Camila dos Anjos; BARBOZA, Alana Madeiro de Melo; BUENO, Luciano Domingues. Assexualidade em seriados televisivos: uma análise sócio-histórica. **REVES – Revista Relações Sociais**, Viçosa, v. 3, n. 4, p. 13001-13013, 2020. DOI: <https://doi.org/10.18540/revesv13iss4pp13001-13013>. Disponível em: <https://beta.periodicos.ufv.br/reves/article/view/10421>. Acesso em: 14 jan. 2025.

ROZENTHAL, Eduardo. Assexualidade: um olhar psicanalítico para o futuro. **Cadernos de Psicanálise | CPRJ**, Rio de Janeiro, v. 40, n. 38, p. 111-124, 2018. Disponível em: https://cprj.com.br/ojs_cprj/index.php/cprj/article/view/24. Acesso em: 14 jan. 2025.

SILVA, Anderson Lopes da; DUARTE, Thaís P. P. Jerônimo; SILVA, Aline de Fátima Siqueira. A relação entre o uso do *merchandising* social e a teoria do *agenda-setting* nas telenovelas *Vale Tudo* e *O Clone*. **Revista Univap**, São José dos Campos, v. 19, n. 33, p. 35-51, 2013. DOI: <https://doi.org/10.18066/revunivap.v19i33.110>. Disponível em: <https://revista.univap.br/index.php/revistaunivap/article/view/110>. Acesso em: 14 jan. 2025.

SILVA, Janaína Ferraz Muniz da; PELÚCIO, Larissa. É Fantástico! As sexualidades dissidentes em pauta na produção jornalística do *Show da Vida*. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 17., 2012, Ouro Preto. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2012. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/PAPERS/REGIONAIS/SUDESTE2012/resumos/R33-2049-1.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2025.

SILVA, Vitória Carvalho Rocho da. Narrativas da sexualidade: pistas discursivas da assexualidade na mídia. **Grau Zero – Revista de Crítica Cultural**, Alagoinhas, v. 9, n. 2, p. 111-130, 2021. DOI: <https://doi.org/10.30620/gz.v9n2.p111>. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/grauzero/article/view/12918>. Acesso em: 14 jan. 2025.